

D/N
15.2.49

VITORIA

RUBEM BRAGA

1232

Do bordo do avião olhamos, na tarde que escurece, um rio que inunda campos e canaviais. É o Paraíba; reconheço quase sob o aparelho, a bombordo, a cidade de Campos.

Passam outros rios; fico, sem querer, a vigiar a chegada do Itapemirim. Uma povoação ao sul da embocadura de um rio não me engana: é Barra do Itabapoana.

O avião voa sobre o mar, e essa praia, que vejo, me é familiar: já a andei toda, na infância. Há pequenos morros que avançam para o mar, uns até formando barrancos; depois esses morros tão rasos recuam para dentro da terra.

Vejo lagoas humildes, onde sei que há ranchos de pescadores: Pacalucagem, Boa Vista, Siri... E no fim de uma longa praia que termina em umas pedras, Narataises.

Estamos em janeiro. Em anos remotos era tempo certo de eu estar ali, na pequena casa de varanda perante o mar, junto daquela igreja que então não existia: vejo lá em baixo esse antigo menino de cabelos cheios de sal, pernas queimadas pelo sol. Meu filho talvez esteja agora lá, naquela prainha entre pedras, catando conchas cor de rosa e buzios crespos. Sim, talvez o tenham trazido de Cachoeiro para a praia. E com esse bobo egoísmo de pai me agrada pensar que ele vive outra vez a minha mesma infância solta e simples, entre a praia e os morros.

Chegamos à Barra: o Itapemirim está irreconhecível, espriado em lagoas e canais; as últimas luzes da tarde fosca brilham palidamente nos Candéus. Talvez aquele pico mal advinhado atrás das nuvens seja o Itabira. Alongo os olhos para ver Cachoeiro, mas nem paineiras nem mesmo a Vila consigo enxergar.

E a costa do Espírito Santo se desata agora em estiradas de barranco e pequenas baías de pedras infinitamente lindas. Reconheço Guarapari...

Vitoria é a festa maior para os olhos, com sua baía de um pitoresco imaginoso, inumerável — pedras, mangues, praias, ilhas, canais, tudo agora escurecendo. A cidade acende as luzes; outras luzes lhe respondem do continente, esparsas... Dentro de dois dias sairei dessa barra em vapor, de manhã. Parece que não é o navio que se movimenta, é a natureza que brinca em mostrar suas docuras, avançando uma ilha de sonho, erguendo um morro verde, estirando uma praia quieta entre arvoredos.

Vitoria... Essa palavra ressoa em toda a minha infância e entra na minha adolescência graças a um contratempo de ginásio: exames de algebra em segunda época.

Aqui cheguei pelos 12 ou 13 anos com uma tabua de logaritmos debaixo do braço. Vinha aborrecido, com medo de ser reprovado ainda uma vez e perder o ano. E a cidade me encantou.

Essa lembrança liga-se à outra que deve ser mais ou menos da mesma época: a extraordinária beleza de uma adolescente que conheci no dentista, aonde fora contrafeito, por causa de uma dor de dentes. Até hoje lhe recordo o rosto, os cabelos, a boca, o talhe do corpo; esqueci seu nome. Sua beleza inesperada me perturbou a um tal ponto que mal ousava olhá-la disfarçadamente. Isso aconteceu em Cachoeiro, e a moça não era de Vitoria. Entretanto, as duas lembranças estavam juntas dentro de mim.

Que fim terá levado aquela moça? Para mim ficou irreal; é difícil imaginar que continua a existir, que tem um nome e um destino. Uma impressão assim tenho toda vez que, ao longo dos anos, passo em Vitoria. A que hoje vejo, tão bela, é uma especie de continuação indebita, insincera, quase intrusa, da outra, da verdadeira, da antiga Vitoria de um ginásiano reprovado em algebra...

15.2.49